

BF - lazer

MARÉ DE ABANDONO

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

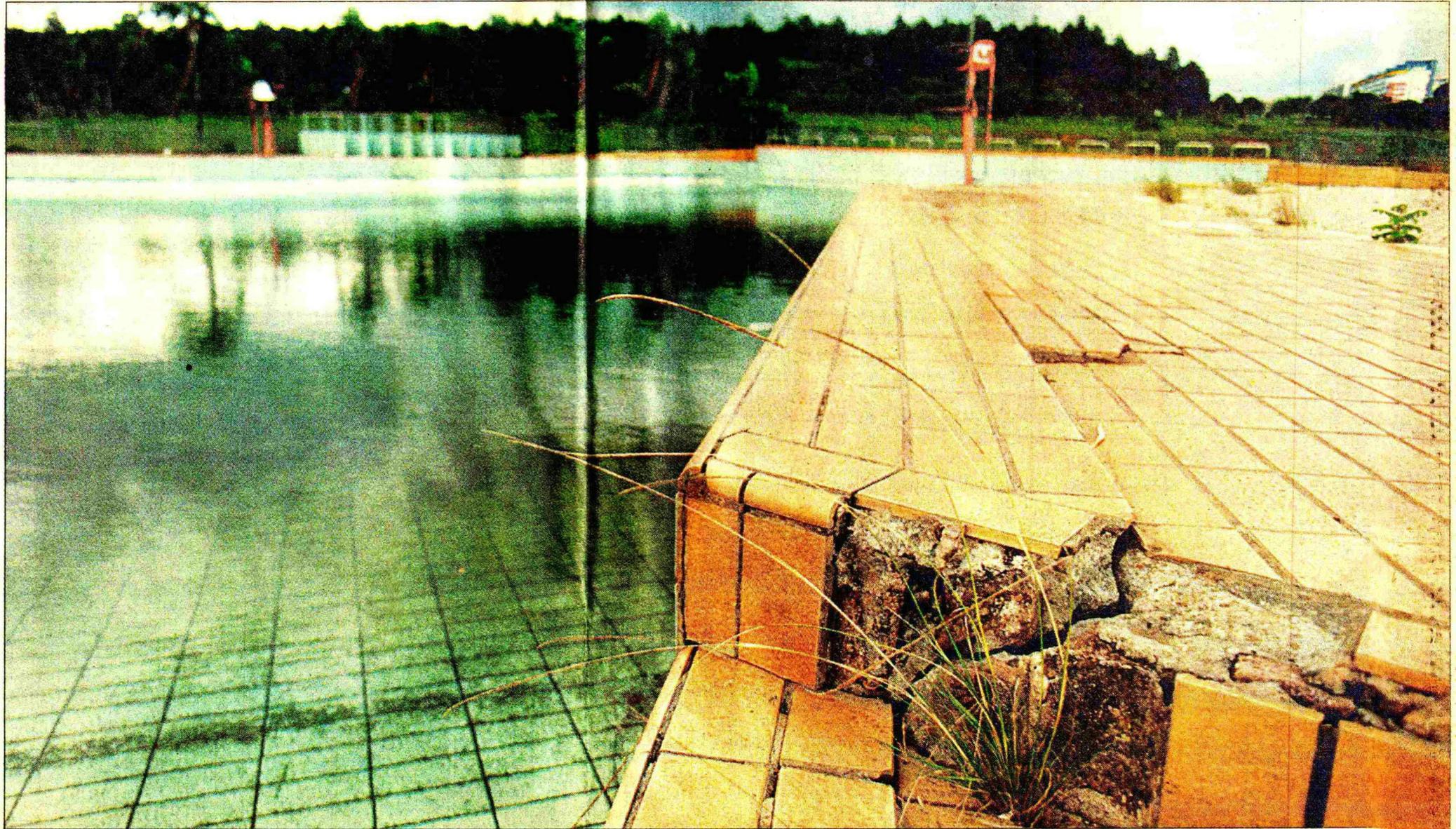
André Corrêa

Parecia um milagre feito pelo homem. No meio do cerrado, a mais de mil quilômetros do mar, a água doce ondulava sobre o azulejo da cor do céu. Era 1978, Dia da Criança, e Brasília ganhava a primeira piscina de ondas da América Latina. Aquele 12 de outubro entrou para a lembrança de pessoas de todas as idades. Algumas delas experimentavam a saudade das praias deixadas na terra natal. Outras, que comemoravam seu dia, brincavam sem pensar que aquilo era uma pequena imitação do oceano infinito. Hoje, quase uma década depois, a atração turística está fechada, em ruínas. Suas águas, poluídas de abandono, só servem para a reprodução de mosquitos. E o cerrado começa a retomar o que já foi seu.

Nada na piscina de ondas do Parque da Cidade lembra que ela chegou a receber 5 mil visitantes por semana. Fechada pelo governo em 27 de abril de 1997, a área só é frequentada por uma pessoa, o porteiro desempregado João Batista Fernandes, de 21 anos. Mantendo-se com *bicos*, ele sobrevive sem pagar aluguel porque improvisou uma morada nos poucos metros quadrados de área construída que são mantidos livres do lixo e do mato.

Enquanto espera que o governo conceda a alguma empresa a permissão para explorar a atração, Batista ajuda a espantar viciados que procuram o local para o uso de drogas. "Dá pena ver isso aqui se acabando", lamenta o jovem, que deseja reaver o emprego que manteve por mais de três anos.

A vida de Batista ficou pior desde que as portas foram fechadas por motivos econômicos e sanitários. A Secretaria de Saúde proibiu os banhos por considerar que o



A margem da piscina está cheia de asas de insetos, formando uma crosta marrom sobre o azulejo, e o mato cresce nos buracos do piso sem que haja qualquer tipo de manutenção ou limpeza

ponto turístico se transformara em ameaça pública. Os técnicos apontaram que a manutenção da piscina era precária e que o exame médico obrigatório já não era exigido de todos os banhistas. Mas o motivo principal foi apresentado pela Administração Regional de Brasília, responsável pelo Parque da Cidade: o negócio havia naufragado em dívidas.

INADIMPLÊNCIA

A decadência foi precipitada em 1996, quando a Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) acabou com uma ligação clandestina que abastecia gratuitamente o local. O consumo médio de 32 mil litros de água por dia — o equivalente ao gasto mensal de uma família de sete pessoas — fez chegar a R\$ 110 mil a dívida com a Caesb. Além disso, a

taxa de ocupação, que não era paga desde 1992, aumentou em R\$ 33 mil o rombo.

Para evitar problemas com o Tribunal de Contas do Distrito Federal, o governo fechou a área de lazer. Para a empresária Vera Bastianon — cuja família explorava a Piscina de Ondas desde 1978 —, a decisão foi precipitada porque ela negociava uma forma de pagar os débitos. Na

época do fechamento, Vera reclamou que o governo não autorizava reformas nas instalações. No entanto, ela demonstrou que pouco podia fazer porque o faturamento bruto de R\$ 8 mil por mês era insuficiente para cobrir as despesas.

Em abril, no dia do fechamento, foi anunciado que uma licitação sairia em dois meses e selecionaria outra empresa para explorar a Piscina

de Ondas. Mas isso não ocorreu. Segundo o chefe de gabinete da Administração de Brasília, Neio Lúcio de Oliveira Campos, a proposta de edital com as regras para a seleção foi entregue à Procuradoria Geral do Distrito Federal para análise jurídica. "Esperamos que o edital esteja pronto ainda em janeiro", observou ele, que responde temporariamente pela repartição.